

CARAMBAIA

Boubacar Boris Diop

Murambi, o livro das ossadas

ilimitada

Tradução
MONICA STAHEL

	Parte I
9	O medo e a raiva
11	Michel Serumundo
21	Faustin Gasana
33	Jessica
	Parte II
43	A volta de Cornelius
	Parte III
91	Genocídio
93	Aloys Ndasingwa
97	Marina Nkusi
99	Jessica

105	Rosa Karemera
109	Dr. Joseph Karekezi
119	Jessica
123	Coronel Étienne Perrin
139	Jessica
	Parte IV
141	Murambi
	. . .
191	Posfácio do autor
219	Agradecimentos
221	Sobre o autor

*Para a mãe
A El-Hadj Mama*

Parte I
O medo e a raiva

Michel Serumundo

Ontem fiquei na locadora de vídeo até um pouco mais tarde do que de costume. Na verdade, não houve muitos clientes ao longo do dia, o que não deixa de ser surpreendente neste período do mês. Para me ocupar, comecei a arrumar os filmes nas prateleiras, na esperança de que alguém viesse alugar algum na última hora. Em seguida, fiquei uns minutos em pé na soleira da porta da loja. As pessoas passavam sem se deter.

Cada vez gosto menos deste canto do mercado de Kigali onde me instalei há nove anos. Na época, todos nos conhecíamos. Nossas lojas formavam um pequeno círculo perto da praça central. Quando os clientes eram raros, podíamos pelo menos nos juntar em torno de uma cerveja, entre amigos, para nos queixar da dureza dos tempos. Infelizmente, com o passar dos meses, pessoas de todo tipo – alfaiates, vendedores de legumes ou tecidos, açougueiros e barbeiros – foram se apossando de pequenos pedaços da calçada. O resultado foi um caos bem pitoresco e simpático, mas não necessariamente bom para os negócios.

Por volta das nove e meia, acabei tendo de voltar para Nyakabanda quase sem um tostão no bolso. No caminho para a estação rodoviária, ouvi sirenes uivando e achei que tinha havido mais um incêndio nos bairros da cidade baixa.

Um blindado da guarda presidencial estava posicionado na entrada da estação. Um dos três soldados de farda de combate pediu educadamente minha carteira de identidade. Enquanto ele se inclinava para examiná-la, segui seu olhar. Não deu outra: a primeira coisa que lhes interessa é saber se você é considerado hútu, tútsi ou tuá.

— Ah, tútsi... – ele disse, mergulhando os olhos nos meus.

— Está escrito aí, não é? – repliquei com um leve esgar de desprezo.

Ele pareceu hesitar um pouco e depois me devolveu a carteira de identidade, balançando a cabeça. Fui embora resmungando, mas um segundo soldado me chamou. Tinha o jeito bem menos simpático do que seu colega. Apontou para minha calça e disse, severo:

— Primeiro arruma essa braguilha, meu amigo.

Obedeci, sorrindo estupidamente. Eu devia estar com cara de bobo.

— Ah! Obrigado. Eu não tinha percebido.

— Você trabalha nesse mercado?

“Que cretino!”, pensei.

— É justamente porque não trabalho nesse setor do mercado que vim até aqui tomar um ônibus.

Falei num tom seco, para mostrar como achava estúpida sua pergunta.

— E trabalha onde, então?

Realmente uma palhaçada. Por que a palavra “então”? Quase perguntei, mas ele não parecia estar brincando de jeito nenhum.

— Sou Michel Serumundo, proprietário da locadora de vídeo Fontana – respondi, tentando parecer modesto.

Apesar da minha irritação evidente, o senso comercial logo se sobrepôs. Disse-lhe que alugava principalmente filmes de guerra. Afinal, soldados devem gostar

de bombardeios, emboscadas e todas essas coisas. Será que lhe falaria também daqueles filmes um pouco especiais para adultos? Decidi não falar. Ele devolveu minha carteira de identidade. Via-se que estava se perguntando se eu era bom da cabeça.

Com um tapinha no ombro, me fez sinal para ir embora:

— Tudo bem, pode ir.

Mais tarde entendi que ele me tomara por louco. Enquanto ia me afastando, senti em cima de mim os olhares intrigados deles. Eu me perguntei o que estariam fazendo na entrada do mercado àquela hora. A pergunta ficou martelando na minha cabeça por um tempo. É verdade que aquela parte do mercado de Kigali atrai uma grande multidão quase o tempo todo. Portanto, interessa aos plantadores de bomba, como os que, em março passado, cometeram dois atentados, um dos quais provocou a morte de cinco pessoas. No entanto, eu não me lembrava de ter visto militares naquele lugar fora das horas de maior fluxo. O que poderia significar a presença deles por ali? Talvez tivessem recebido informações. Voltei a pensar nas sirenes e comecei a me sentir meio inquieto.

A estação rodoviária estava quase deserta. Entrei no único ônibus estacionado. Os passageiros estavam em silêncio. Depois de alguns minutos de espera, numa atmosfera pesada, o motorista chamou seu auxiliar:

— Tudo certo. Vamos embora.

Foi só quando alguns soldados, muito nervosos, bloquearam nosso ônibus em frente da Rádio Ruanda que me dei conta de que aquele não era um dia como os outros.

O motorista, que estava em alta velocidade, precisou frear bruscamente diante da barreira. Imediatamente surgiram soldados de todo lado, com olhares desvairados. Aqueles idiotas estavam realmente preparados para

atirar em nós. Exigiram os documentos do motorista e um deles apontou a lanterna para o nosso rosto. Detive-se longamente no meu e pensei que ele fosse me fazer descer.

O outro achacou o motorista:

— Não viu a barreira, não?

— Desculpe, patrão.

Ele estava se borrando nas calças, o motorista. Sua voz tremia.

Demos meia-volta e um homem gordo bigodudo, de casaco azul, exclamou com voz forte e quase alegre:

— Desta vez eles não estão de brincadeira, hein!?

Esperei que acrescentasse alguma coisa, mas ele não disse mais nada.

Perguntei:

— O que está acontecendo?

O sujeito me fulminou com os olhos. De repente pareceu furioso comigo.

— É isso – ele disse friamente, sem tirar os olhos de mim –, ainda vão nos dizer que foi um acidente lamentável.

Eu me encolhi no meu canto. A maioria dos passageiros concordava com o homem e repetia que dessa vez não ia ser assim. Diziam que os milicianos iam fazer a festa. Meu sangue gelou. Os milicianos Interahamwe. Aqueles caras que têm uma única razão de viver: matar tútsis. Alguém declarou que tinha visto a bola de fogo cair do céu.

— É uma mensagem de Deus – afirmou o homem de azul.

— Sabiam que o avião caiu no gramado do jardim dele?

— No gramado?

— No jardim dele?

— Sim, na casa dele!

— É, de fato é um sinal de Deus.

— Deus amava aquele homem! Todos os chefes de Estado do mundo o respeitavam.

— São uns invejosos – acrescentou um outro. — O presidente Mitterrand lhe deu o avião de presente e eles disseram: já que não podemos ter um assim, vamos destruí-lo!

Pelo visto, eu era o único que não sabia que o avião do nosso presidente, Juvénal Habyarimana, acabara de ser derrubado, em pleno voo, por dois mísseis, naquela quarta-feira, 6 de abril de 1994.

Meu coração começou a bater muito forte e senti uma vontade louca de falar com alguém. Virei-me para meu vizinho da esquerda, que não tinha aberto a boca nem uma vez. Ele levava sentada no colo uma menininha de 5 ou 6 anos. Ela era uma graça, com aquele vestido de flores vermelho vivo. Na verdade, o homem estava chorando escondido. Será que a morte de Habyarimana o deixara tão triste? Não era impossível, mesmo assim me parecia espantoso. Em geral, as pessoas não choram seu presidente quando a televisão não está ali para filmá-las. A verdade é que esses presidentes africanos maltratam tanto os humildes que afinal eles não devem ter grandes ilusões. Simples questão de lógica. No entanto, aquele desconhecido me comoveu imensamente. Enquanto ele se esforçava em vão para conter as lágrimas, a menininha se divertia fazendo-lhe cócegas na orelha com uma pena de passarinho, e sua risadinha clara ressoava no ônibus. Assim que passamos por aquele posto de saúde chamado, se não me engano, O Bom Samaritano, o motorista virou à direita, parou e disse com jeito rabugento:

— Todo mundo desce aqui.

— E minha bagagem? – protestou uma mulher que tinha a seu lado um cesto pesado.

— O motor quebrou – falou secamente o motorista.

Chamei-o de canalha, mas ele continuou olhando direito para a frente. Estava de total má-fé. Depois, dirigindo-se ao auxiliar, lançou, como que contrariado:

— Ei, devolve o dinheiro para eles.

Ele estava morrendo de medo depois do incidente na frente da Rádio Ruanda e decerto achava que o mais fácil era voltar para casa. A guarda presidencial e a *gendarmerie*¹ estavam por toda parte em seus carros com giroflex e sirenes estridentes. Parecia uma cidade em estado de sítio.

Tive de fazer 3 quilômetros a pé para voltar para minha casa em Nyakabanda. Grupos de jovens se agitavam, bloqueando as grandes avenidas e a entrada de cada quarteirão com troncos de árvores, pneus, pedras grandes e carcaças de carros. Viam-se também barreiras mais clássicas formadas por uma simples grade de ferro. Eles faziam tudo muito seriamente e com uma aplicação sinistra, sem muito barulho, à luz de lanternas. Às vezes discutiam bastante exaltados sobre a localização de uma barreira. O chefe logo chegava para dar ordens e todo mundo voltava ao trabalho.

Apesar da hora tardia, Séraphine me esperava na porta da casa, com expressão séria.

— Onde estão as crianças? – eu disse.

— Só Pierrot não está em casa.

Ele de novo. Sempre tínhamos problemas com aquele cabeça de vento do Jean-Pierre.

— Vou buscá-lo.

— Onde? – perguntou Séraphine. — O rádio acabou de dizer que todo mundo deve ficar em casa.

1 Força policial paramilitar, na época ligada às Forças Armadas Ruandesas. [TODAS AS NOTAS SÃO DESTA EDIÇÃO.]

Aquilo era absurdo. Num dia como aquele eu não podia deixar meu filho de 12 anos fora de casa. Quem conhecia Ruanda sabia que iam acontecer coisas terríveis.

— E aqui, tudo bem? – eu disse, apontando com o queixo para dentro de casa.

Nós dividíamos suas duas alas com uma família hútu. Os pais eram corretos, mas o filho, um miliciano Interahamwe do tipo fanático, muitas vezes se mostrara desagradável conosco. Um dia o surpreendi mexendo nas nossas coisas. Fechei a porta atrás de mim e disse: “Defenda-se, garoto”. Ele gosta de se pavonear para impressionar as meninas do bairro, mas não sabe brigar. Recebeu um castigo que não vai esquecer nunca. Aliás, imagino que nessas últimas horas deve ter pensado muito nisso. Sim, para eles chegou a hora de acertar essas contas também. Provavelmente cada Interahamwe tem sua lista de amiguinhos tútsis para serem liquidados.

— Os vizinhos? Não me dirigiram a palavra a tarde toda – disse Séraphine.

— E nosso jovem imbecil, ele está aí?

— Não grite, Michel, por favor. Ele sumiu.

Imaginei que ele era daqueles que estavam instalando barreiras em todos os cruzamentos da cidade.

Séraphine quis dizer alguma coisa, mas se deteve na última hora.

A situação era assustadoramente clara, mas não quis deixá-la mais preocupada.

— Não se preocupe, Séra, eles sabem que estão sendo observados pelo mundo inteiro, não vão poder fazer nada.

— Você acha?

— Com certeza.

No meu íntimo, eu sabia que aquilo era mentira. A Copa do Mundo de Futebol nos Estados Unidos começaria logo. Nada mais interessava o planeta. E, de qualquer

forma, não importa o que acontecesse em Ruanda, para todo o mundo seria sempre a mesma velha história de briga entre negros. Os próprios africanos diriam, no intervalo de cada jogo: “Eles nos envergonham, deveriam parar de matar uns aos outros desse jeito”. Depois mudariam de assunto. “Vocês viram aquela bicicleta do Klui-vert?” O que estou dizendo não é uma crítica. Eu mesmo vi muitas vezes na televisão cenas difíceis de suportar. Uns caras de macacão largo tirando corpos de uma vala comum. Recém-nascidos sendo lançados, entre gracejos, dentro de fornos de pão. Moças passando óleo no pescoço antes de ir para a cama. Elas diziam: assim, quando chegarem os degoladores, a lâmina da faca vai doer menos. Eu sofria sem me sentir de fato responsável. Não percebia que, se as vítimas gritavam tão alto, era para que eu as ouvisse, eu e mais milhares de outras pessoas na Terra, e para que tentássemos fazer tudo para acabar com seu sofrimento. Aquilo sempre acontecia muito longe, em países do outro lado do mundo. Mas, naquele início de abril de 1994, o país do outro lado do mundo é o meu.

Minha conversa com Séraphine tinha sido na rua. Ela me disse:

— Entre pelo menos alguns minutos, as crianças vão ficar contentes de te ver.

— Ainda não estão dormindo? São onze horas da noite.

— O professor avisou que não vão ter aula amanhã. Então...

— Bom, então vou brincar um pouco com eles.

Assim que eu disse isso, percebi pela primeira vez aquela noite que estávamos começando a ter medo da nossa própria casa. Entrei. As venezianas dos vizinhos estavam hermeticamente fechadas. Eles ouviam a Rádio das Mille Collines, que havia vários meses incitava

assassinatos, totalmente insensatos. Aquilo era novidade. Até então, eles seguiam aqueles programas estúpidos em segredo. Encontrei as crianças na sala. Brincando com elas, lembrei-me do homem que chorava em silêncio no ônibus. Depois saí de novo para procurar Jean-Pierre. Também queria dar um pulo na loja para guardar em lugar seguro alguns objetos preciosos que me tinham sido confiados. Os saqueadores podiam entrar em ação a qualquer momento. Saques e um ou dois milhares de mortos, isso seria quase um mal menor. Não estou exagerando. Há muito tempo este país ficou completamente louco. De qualquer maneira, dessa vez os assassinos tinham um pretexto de ouro: a morte do presidente. Eu não ousava ter esperança de que eles fossem se satisfazer com pouco sangue.

Faustin Gasana

Sentei-me ao lado do motorista. Ele ligou o motor e perguntou laconicamente, como de costume:

— Para onde, chefe?

— Vamos dar um pulo em casa, Danny. O velho insiste em falar comigo.

Ele arranca em meio a uma nuvem de poeira. Em tempos normais, o trânsito é muito intenso naquela parte de Kibungo. Nesta tarde, as ruas estão desertas. Os habitantes estão fechados em suas casas há dois dias. Só circulam os membros das forças de segurança e os milicianos Interahamwe, como eu. Sinto uma discreta excitação em Danny. Eu não disse nada, mas ele sabe que coisas muito importantes vão acontecer. Faz 48 horas que está me levando de uma reunião para outra. Na noite passada, aliás, tive de dizer a ele para voltar para casa sem mim, pois era evidente que nosso encontro com os prefeitos e burgomestres² não terminaria antes do amanhecer.

Empurro a porta de casa. Minha irmã Hortense está fritando bananas-da-terra na cozinha ao ar livre, logo à esquerda da entrada.

— Oi, irmãzinha!

2 Prefeitos são as autoridades executivas das cidades, enquanto os burgomestres são as autoridades executivas das províncias.

Ela se aproxima e cochicha alegremente na minha orelha, com cara de conspiradora:

— Vai depressa falar com o velho. Mas já vou avisando: ele está zangado com você.

— Eu estava muito ocupado. Será que não dá para ele entender?

— Você o conhece. Está dizendo que você é um mau filho.

Ao ouvir minha voz, a mãe sai do quarto do velho. Nós nos cruzamos no pátio. Ela vem trazendo uma bandejinha. Pedacos de algodão flutuam numa mistura de pus, sangue e líquido de Dakin.

— Acabei de fazer o curativo dele – ela diz.

— A ferida no braço está melhorando pelo menos?

Por um momento a mãe não diz nada. Ela não é de falar muito e talvez não queira responder. Finalmente faz que não com a cabeça.

— Venha – eu digo. — Vamos obrigá-lo a aceitar receber um médico.

— Ele me expulsou do quarto. Disse que vocês precisam conversar de homem para homem.

Baixo os olhos. O velho sempre foi muito duro com ela. Entretanto, embora sofra com isso, ela nunca deixa transparecer nada.

Depois de afastar a cortina na porta do quarto, preciso esperar alguns segundos antes de entrar, para acostumar os olhos à escuridão do cômodo. Como todos os quartos de velho, aquele é abarrotado de objetos inúteis que o tornam mais apertado e abafado. Há duas fotos na parede, bem acima da cabeceira da cama. Na primeira delas, Grégoire Kayibanda, primeiro presidente de Ruanda, está apertando a mão do rei Balduíno da Bélgica. Kayibanda parece muito orgulhoso de viver aquele momento histórico, e o rei dos belgas, de luvas brancas, tem

o ar um pouco distraído ou desdenhoso. A outra foto é o retrato oficial do major-general Juvénal Habyarimana. Esse mesmo que nossos inimigos acabaram de assassinar. Está sorridente e seu olhar cintila de inteligência.

Meu pai está sentado no meio da cama. O rádio de pilha ao lado dele destila música fúnebre. Seus olhos quase já não enxergam, mas ele sente minha presença e me estende as duas mãos. Eu as seguro, evitando aguçar sua dor. Um líquido amarelado goteja da atadura que envolve seu braço esquerdo. É um pouco fétido. Ele, tão robusto há apenas alguns anos, agora está magro, fraco e como que atrofiado. Desliga o rádio e me faz sentar na cama, quase encostado nele. Aquele gesto de afetuosa cumplicidade me comove.

O pai me pergunta logo em seguida:

— Essa gente está achando que somos homens de verdade ou mulheres?

Sem me dar tempo para responder, acrescenta que “desta vez, ‘eles’ passaram dos limites”. A política sempre foi seu tema de conversa favorito, mas nunca o ouvi pronunciar a palavra “tútsi”. Sempre os trata de “eles” ou de “*inyenzi*”, literalmente “baratas”.

— Vamos ensiná-los a nos respeitar – digo então, depois de um momento de reflexão. — Estamos prontos.

— Sei que está fazendo boas coisas para seu país. Amigos vieram me felicitar. Estou satisfeito com você.

— Sim, fiz um bom trabalho. Eu sei. Estamos com a situação sob controle nas colinas e em todas as grandes cidades do país, mas no norte vai ser mais difícil.

— Por causa da guerrilha deles baseada em Mulindi?

— Sim. Sabemos que estão se deslocando para Kigali desde sexta-feira.

— Também ouvi dizer.

— Você está mesmo bem informado – digo, sorrindo.

Ele também sorri, lisonjeado. Depois, voltando de repente a ficar sério:

— Vocês não têm o direito de fracassar.

A observação me incomoda. No fundo, ele tem razão. Apesar da decrepitude física, o velho mantém uma espantosa vivacidade de espírito. É verdade: se não conseguirmos eliminar todos os tútsis, seremos os maus da história. Eles espalharão pelo mundo todas as lamentações bem orquestradas e será muito complicado para nós. Até os menos resolutos entre nós sabem disto: depois do primeiro golpe de facção, será absolutamente necessário ir até o fim.

— Não sei, pai. Para você eu posso dizer: não vai ser fácil travar uma guerra frontal contra a FPR³ e o resto.

— O resto...? – ele contesta com ar de despeito. — Não comecem já com vergonha do que os espera.

Tenho a impressão embaraçosa de que ele duvida da minha determinação. Eu me sinto menos zangado do que decepcionado, pois tenho vontade de falar com ele francamente.

Ele grita e recebo na cara seu mau hálito. Recuo um pouco.

Repito:

— Vai ser difícil.

— Você conhece a história da guerrilha desses *inyenzi* da Frente Patriótica de Ruanda?

É o tipo de pergunta que ele faz quando se prepara para contar uma das suas inúmeras histórias.

— Sim, fiquei sabendo de coisas sobre a FPR – respondendo com prudência.

3 Frente Patriótica de Ruanda (grupo rebelde criado por exilados tútsis).

— E sabe como o chefe deles escapou da morte por um triz em 1961?

— Não – declaro, recuando um pouco mais.

Suporto cada vez menos seu mau hálito. O fato é que ele também não está nada bem da barriga. O intestino o está maltratando muito desde sua estada de três semanas, no ano passado, na casa dos nossos parentes de Cyanguu.

— Pois bem, foi em Gitarama, onde nós, os hútus, éramos os mais fortes. Enquanto os nossos estavam ocupados em saquear e estuprar, uma criança de 4 anos e seus pais esperavam um carro para fugir na direção de Mutara. De repente nossos homens viram aquela família de *inyenzi* subir apressada no carro. Eles correram, correram. Era tarde demais. Foi assim que os imbecis, há 37 anos, deixaram escapar o garoto que hoje é o chefe da guerrilha.

Na verdade, conheço bem essa história. Só que não quero privar o velho do prazer de me contá-la. Eu poderia até dizer que aconteceu na colina de Nyarutovu, na comuna de Ntambwe. Nós a ouvimos mil vezes pela boca dos nossos instrutores. É o exemplo que sempre nos davam para mostrar como pode ser perigoso poupar os bebês durante o trabalho. O relato, aliás, tem muitas variantes. Numa das versões, o menino teria enternecido e até feito nossos rapazes darem risada ao jurar: “Nunca mais vou ser tútsi”. Dizem também que, no momento em que nosso ônibus ia partir, alguém viu a criança e fez sinal para o motorista parar. Este então teria se recusado a perder tempo por causa de um pedacinho de gente. Cada variante tem seus adeptos. Um de nossos formadores gracejava com o fato de o menino de Nyarutovu não ter cumprido sua promessa, o que era previsível em se tratando de um *inyenzi*. Ao contrário, ele se tornara nosso

inimigo mais perigoso e tinha um prazer maligno em matar todos os hútus que podia. O instrutor – chamava-se Léonard Majyambere – passava então pelas fileiras e perguntava que conclusão um bom Interahamwe deveria tirar de tudo aquilo. Até os imbecis sabiam a resposta.

— O mais importante – declara o velho – não era matar aquele menino...

Olho-o com atenção. Afinal, aonde ele quer chegar?

— Deviam tê-lo deixado vivo? Você sempre diz que um homem corajoso deve ousar ir até o fim.

— Claro que era preciso eliminá-lo – rosnou o velho. — Mas o problema nem existiria se nossos homens, em vez de se embriagarem e saquearem, tivessem se concentrado no trabalho deles. Não deixe de explicar aos que estão sob suas ordens que comportamentos desse tipo fazem perder tempo e energia.

Penso cá comigo que o velho já não tem nenhum senso da realidade.

— Claro, pai, vou insistir na disciplina.

Ele percebe imediatamente que não estou levando seu conselho a sério e que só quero evitar discutir. Nada lhe escapa. Ele solta com despeito:

— Façam o que quiserem, mas desde 1959 estamos cometendo os mesmos erros.

A situação começa a degenerar. Fico em silêncio. Mas é preciso mais do que isso para deter o velho.

— Com certeza você ouviu falar daquele francês que quis matar todos os *inyenzi* brancos naquela grande guerra deles, lá...

— Era um alemão.

— Como era o nome dele?

Ele está começando a me irritar. Jamais gostei daquela sua mania de fazer perguntas das quais, aliás, muitas vezes ele sabe a resposta...

— Hitler.

— Hitler o quê? – ele insiste, me procurando com seu olhar malicioso.

— Adolf. Adolf Hitler. Era chamado de Führer – acrescento, para evitar a pergunta seguinte.

— Então, me diga: ele conseguiu eliminar todos os *inyenzi* brancos?

Aí me recuso a continuar. Estou farto das baboseiras dele. Quanto tempo perdido... Eu digo:

— Voltamos a falar nisso outra hora. Preciso ir embora.

Ele grita, muito raivoso:

— Aquele branco era muito mais bem organizado do que vocês e, no entanto, fracassou. Vocês não passam de uns garotos pretensiosos!

Eu me levanto.

— O trabalho me espera – declaro, esforçando-me para parecer calmo.

— Está zangado comigo, não é? Como ousa se zangar com seu pai?

— Não fique bravo... Aqui em Kibungo, vamos começar esta noite.

Ele responde calmamente:

— Vá embora. Vocês são uma geração de incompetentes.

Baixou a voz para dar a ela toda a força de que é capaz, o que tornou suas palavras mais terríveis ainda.

Gosto do velho. É meu pai. Mas ele é como todas as pessoas idosas que, no leito de morte, descobrem soluções milagrosas para todos os problemas. As coisas não são tão simples. Quanto a mim, ao me tornar Interahamwe, sempre soube que talvez tivesse de matar gente ou morrer sob seus golpes. Isso nunca foi problema para mim. Estudei a história do meu país e sei que os tútsis e nós nunca

poderemos viver juntos. Nunca. Muitos mistificadores acham o contrário, mas eu não acredito. Vou fazer meu trabalho direito. E concordo com o velho: cada vez que você grita grosserias para alguém que vai morrer, você dá a outro tempo para fugir. Não sou tão estúpido a ponto de ignorar. Mas como fazer isso entrar na cabeça dos meus homens? Eles se alistaram na milícia Interahamwe para fazer tremer homens e mulheres mais poderosos do que eles. Não ligam para matar todos os tútsis. Se duvidar, deixariam escapar alguns só pelo prazer de outras desforras igualmente sanguinárias.

Ao me despedir do velho – ele nem se digna aceitar a mão que lhe estendo –, ideias estranhas começam a me assaltar. Só palavras cujo sentido, na hora, permaneceu completamente obscuro para mim. Pensar o impensável. O hálito fétido do pai. O pai que não acaba de morrer. Todo o tempo maldizendo e expulsando alguém de sua casa. E todos aqueles tútsis para matar. Eu não achava que fossem tão numerosos. Tenho a impressão de que o planeta é povoado de tútsis. De que no mundo só nós não somos tútsis. Antes, era tão fácil gritar com a força do trovão: “*Tubatsembatsembe!*”. É preciso matar todos eles!

No pátio, encontro minhas irmãs e vizinhos sentados em volta da minha mãe. Sento-me numa cadeira e Louise me estende um copo de chá.

A mãe a repreende:

— Ponha um pouco de menta. Você sabe que Faustin não suporta chá sem menta.

Falamos de tudo e de nada. Nunca tinha visto as pessoas tão tensas. Nessas horas de incerteza, cada um encara a si mesmo. Eles querem saber mais, no entanto evito qualquer alusão aos acontecimentos. A única que se mantém serena é minha mãe. Mais uma vez, não consigo ler nada em seu rosto. É isso que a torna única no

mundo. Ninguém nunca conseguiu penetrar na cabeça dela. No entanto, percebe-se que está sempre pensando num monte de coisas. Sua força mental é simplesmente fora do comum. Hoje, não há nenhum meio de saber se ela aprova ou não o que está sendo preparado. Será que considera todos nós uns monstros? Enquanto me faço essas perguntas, minhas irmãs e os vizinhos me devoram com os olhos. Louise, a mais nova, está especialmente orgulhosa porque seu noivo, Adrien, faz parte do meu grupo. Tenho a impressão de estar vivendo uma cena de antigamente, do tempo em que se exaltava a bravura do guerreiro antes do combate. Para ser sincero, sou de natureza bastante reservada e tudo isso me constrange. Não vou para a guerra. Não estou correndo nenhum risco. Em Kibungo e no resto de Ruanda, vamos apenas enfileirar os tútsis nas barreiras e matá-los. Um de cada vez. Muitos deles estão se refugiando nos locais de culto e nos edifícios públicos. Acham que assim vão se safar como das outras vezes, na época do meu pai. É o erro mais grave deles depois de muito tempo. Ao contrário, estão facilitando nossa tarefa. Matar tantas pessoas sem defesa certamente não vai ser simples. Com o tempo, pode se tornar monótono e cansativo. O velho está enganado: ninguém poderá impedir nossos homens de beber, cantar e dançar para criar forças para o trabalho.

Preciso insistir um pouco para que me deixem ir embora. As despedidas, emocionantes, são intermináveis. Os vizinhos me recomendam prudência e minhas irmãs têm dificuldade para dissimular a emoção.

Minha mãe, por sua vez, fica em silêncio. Em nenhum momento nossos olhos se encontram.

Não sei quem de nós dois foge do olhar do outro.

Ao abrir a porta do carro, vejo cabeças por cima dos portões das casas vizinhas. Minha Pajero de trabalho,